A Estrada das Águias
por Robert E. Howard

Por Robert E. Howard e L. Sprague DeCamp. Originalmente publicado em 1955.
Tradução e adaptação de Fernando Neeser - fernando.neeser2@bol.com.br

O navio derrotado balançava-se sobre as águas intensamente vermelhas. A um tiro de flecha do barco, o vencedor distanciava-se lentamente, em direção aos montes escarpados que se erguiam junto às águas azuis. Aquela era uma cena comum no Mar Vilayet, durante o governo do rei Yildiz, de Turan.

O barco que ia à deriva era uma galera de guerra de Turan e, por suas características, podia-se notar que era um navio idêntico ao outro. No barco vencido, a morte havia cobrado um forte tributo. Por todos os lugares haviam cadáveres: na popa elevada, sobre a destroçada borda, na passarela central e nos bancos rotos dos remadores.

Os sobreviventes estavam aglomerados na popa. Eram trinta homens cobertos de sangue, e pertenciam a diversas nacionalidades: haviam kothianos, zamorianos, britunianos, coríntios, shemitas e zaporoskanos, Pareciam selvagens, e muitos deles tinham marcas de chicotes ou de ferros incandescentes. Quase todos andavam seminus, mas as roupas multicoloridas que vestiam eram de boa qualidade, apesar de estarem manchadas de sangue e betume. Alguns tinham a cabeça descoberta, enquanto outros usavam capacetes, gorros de pele ou turbantes feitos de pano. Alguns usavam cotas-de-malha; outros, em compensação, iam nus da cintura pra cima, mostrando seus braços musculosos e os ombros bronzeados pelo sol. As pedras preciosas brilhavam em seus brincos e nas empunhaduras de suas adagas. Tinham as espadas desembainhadas e seus olhos escuros refletiam intranqüilidade.

Estavam de pé, ao redor de um homem mais alto que os demais - quase um gigante -, com músculos avolumados. Uma cabeleira negra emoldurava uma fronte larga e seus olhos ardiam com um vulcânico fogo azul, no rosto escuro e coberto de pequenas cicatrizes. Aqueles olhos fitavam agora o litoral. Não se percebia porto ou população alguma naquela costa solitária situada entre Khawarizm, extremo meridional do reino turaniano, e sua capital, Aghrapur. Nas margens, erguiam-se uns montes cobertos por árvores que, ao se prolongarem à distância, transformavam-se nas Montanhas Colchianas, sobre cujos cumes nevados brilhava o sol poente com um resplendor avermelhado,

O homem observou a galera que se afastava lentamente. Sua tripulação se sentia afortunada por ter se livrado das garras da morte, e se dirigiam a uma baía que abria-se ao pé dos montes, entre elevados escarpados. Da popa, o capitão pirata ainda distinguia uma figura de estatura elevada, em cujo capacete refletia-se a luz do sol. Lembrou das feições daquele homem, entrevistas durante o frenesi da batalha: nariz de falcão, barba negra e escuros olhos rasgados. Era Artabán de Shahpur, até há pouco o flagelo do Mar Vilayet. Um delgado coríntio falou de repente:

- Por pouco acabávamos com esse demônio. Que faremos agora, Conan?

O gigantesco cimério aproximou-se de um dos cabos do leme e disse ao homem que havia falado:

- Ivanos, pegue o outro cabo junto com Hermio! Medius, leve três homens com você e comecem a baldear. Os demais, cuidem dos ferimentos e depois dobrem as costas nos remos. Atirem pela amurada todos os cadáveres que puderem, a fim de fazer sítio.

- Pensa em seguir a outra galera até a praia? - perguntou Ivanos.

- Não. Nosso navio tem água por causa da brecha que nos abriram com seu esporão, e não podemos arriscar a iniciar outra batalha. Mas, se remarmos forte, podemos fazê-lo frear junto àquele promontório.

Com grande esforço, conseguiram aproximar o navio da costa. O sol se punha; havia uma bruma azul sobre as águas escuras. O barco inimigo desapareceu no interior da baía. Quando a galera pirata adernou a praia de areia e pedregulhos, sua amurada de estibordo já estava à altura das águas.

O rio Akrim, que serpenteava entre pradarias e terras lavradas, estava tingido de vermelho, e

as montanhas, que se erguiam de ambos os lados, pareciam presenciar uma paisagem tão antiga quanto elas. O pavor havia chegado até os pacíficos habitantes daquele vale, sob a forma de impiedosos invasores, vindos de terras distantes. Não olharam para o castelo que pendia da encosta abrupta das montanhas, porque lá também perambulavam os opressores. O clã de Kurush Khan, líder de uma das tribos hirkanianas mais selvagens e belicosas da zona oriental do Mar Vilayet, havia sido deslocado para o oeste de suas estepes nativas, devido a uma guerra tribal. Agora, estavam causando muitas baixas nas aldeias yuetshis do Vale do Akrim. Embora se tratasse apenas de uma incursão para roubar gado, botim e escravos, Kurush Khan tinha grandes ambições. Naquelas montanhas, haviam surgido outros reinos no passado.

Mas, no momento, Kurush Khan, assim como seus guerreiros, estava ofuscado de sangue após a matança. As cabanas dos yuetshis, haviam se transformado em ruínas fumegantes. Haviam deixado os celeiros intactos, porque continham forragem e trigo. Percorriam o vale, de cima a baixo, uns cavaleiros esguios, que apunhalavam e disparavam flechas. Os homens uivavam quando o aço entrava em suas carnes, e as mulheres gritavam aterrorizadas quando os vagabundos as arremessavam nuas sobre as selas de seus cavalos. Pelas ruas da aldeia maior - um esquálido conjunto de cabanas feitas de barro e pedra -, perambulavam os cavaleiros, adornados com peles de cordeiro e altos gorros de couro. Arrancados à força de seus esconderijos, os habitantes da aldeia ajoelhavam-se em vão, implorando piedade, ou escapavam inutilmente para serem assassinados enquanto corriam. Os sabres curvos, chamados yataghans, assobiavam no ar e emitiam um som seco, quando se cravavam na carne e tocavam o osso.

Um dos fugitivos virou-se, lançando um grito selvagem, quando Kurush Khan, com a capa estendida ao vento como se fosse as asas de um falcão, lançou-se contra ele em seu cavalo. Nesse momento, os olhos do perseguido yuetshi viram, como num pesadelo, o rosto de nariz aquilino e a ampla manga que caía quando o braço ergueu-se, empunhando a lâmina de aço brilhante. O fugitivo yuetshi levava uma das poucas armas eficazes que havia naquele vale: um pesado arco com uma só flecha. Com um grito desesperado, colocou o dardo e disparou no momento em que o hirkaniano o atacava. A flecha acertou o alvo e Kurush Khan despencou do cavalo, com o coração ferido de morte.

Enquanto o corcel sem cavaleiro afastava-se a galope, um dos homens caídos ergueu-se sobre um cotovelo. Era o yuetshi, cuja vida se esvaía por um terrível corte que tinha na garganta. Ofegando, olhou Kurush Khan, cuja barba apontava para cima, num cômico gesto de surpresa. O braço do yuershi cedeu e seu rosto foi ao chão, enchendo-lhe a boca de pó. Cuspiu sangue, lançou uma horrível gargalhada com os lábios cheios de espuma e caiu para trás. Quando os demais hirkanianos chegaram, ele também estava morto.

Os hirkanianos juntaram-se como abutres, em torno do corpo do khan morto, conversando intensamente. Quando se dispersaram, a sorte de todos os yuetshis do Vale do Akrim estava destruída.

Tanto os celeiros quanto os estábulos que Kurush Khan deixara intactos ficaram envoltos em chamas. Mataram a todos os prisioneiros, arremessaram as crianças vivas nas fogueiras e as garotas foram destroçadas e arrastadas pelas ruas ensangüentadas. Ao lado do cadáver do Khan, foram se amontoando cabeças humanas. Os saqueadores galopavam de um lado a outro, agitavam no ar os troféus humanos apanhavam pelos cabelos e logo lançavam-nos à sinistra pirâmide de cadáveres. Qualquer lugar onde algum nativo infortunado pudesse esconder-se, era logo destruído.

Um dos atacantes mexeu num monte de feno e percebeu certos movimentos entre a palha. Com um uivo lupino, enfiou a mão e descobriu a vítima. Tratava-se de uma linda jovem. O hirkaniano rasgou-lhe a túnica e recreou a vista com a apenas dissimulada beleza da garota. Esta lutou em silencio contra a mão que a agarrava, mas o homem arrastou-a até seu cavalo. Então, com a rapidez de uma cobra, a jovem sacou uma adaga e afundou-a no coração do cavaleiro, que caiu ao solo, murmurando um gemido. A garota saltou com a rapidez de uma tigresa sobre o cavalo, que empinou-se ao não reconhecer o cavaleiro, mas logo, dirigido pela jovem, correu rapidamente vale acima. Os saqueadores a perseguiram e suas flechas assobiaram ao seu redor.

A garota dirigiu-se à estreita garganta de um desfiladeiro que havia ao sul do vale. Lá, fazia-se perigoso o avanço, e os hirkanianos puxaram as rédeas para que seus cavalos moderassem o passo. A jovem, em compensação, seguiu diante como uma folha arrastada pelo vento e chegou a obter deles várias centenas de metros de vantagem. Mas de repente, topou com um promontório de pedras que parecia ter sido construído para impedir a passagem pelo desfiladeiro. Ali cresciam tamarindos, e um pequeno riacho passava através de um buraco que havia no centro da barreira natural. Atrás das pedras, havia uns homens

que gritaram-lhe para que se detivessem.
A princípio, a jovem acreditou que fossem hirkanianos, mas em seguida compreendeu seu erro. Eram altos e fortes, com cotas-de-malha que faiscavam sob suas capas, e capacetes de aço para proteger a cabeça. A garota tomou uma rápida decisão. Atirou-se do cavalo e correu para as rochas, pondo-se de joelhos.
- Ajudem-me, em nome da misericordiosa Ishtar! - implorou.
Um homem adiantou-se. A jovem, ao vê-lo, exclamou, agarrando-se aos seus joelhos:
- General Artabán, salva-me desses lobos que me perseguem!
- Por quê eu haveria de ariscar minha vida por você? - replicou o referido, com indiferença.
- Te conheci na corte do rei, em Aghrapur. Dancei para ti. Sou Roxana, a zamoriana.
- Muitas mulheres têm dançado para mim.
- Então... - disse a garota, em desespero - Lhe direi algo ao ouvido. Escute!
Ela sussurrou uma palavra ao ouvido do general, que estremeceu-se como se o tivessem ferido. Logo, olhou fixamente a jovem e subiu num penhasco. Dirigindo-se aos cavaleiros que se aproximavam, levantou uma mão e falou em voz alta:
- Voltem por onde vieram, em nome do rei Yildiz de Turan!
Como resposta, recebeu uma chuva de flechas. Artabán saltou rapidamente do rochedo e fez um sinal com a mão. Instantaneamente, caíram sobre os hirkanianos dezenas de dardos, que partiram da barreira de pedra. Muitos dos atacantes caíram de suas montarias, enquanto os cavalos relinchavam. Os demais cavaleiros recuaram, lançando gritos de espanto e, em seguida, deram meia-volta e afastaram-se vale abaixo.
Artabán virou-se para Roxana. Era um homem alto, vestido com uma capa de seda intensamente vermelha e uma cota-de-malha com incrustações de ouro. A água e sangue haviam manchado sua roupa que, apesar de tudo, indicava uma grande riqueza. Seus homens - quarenta marinheiros turanianos armados até os dentes - reuniram-se em torno dele. Um mísero nativo yuetshi se achava próximo, com os pulsos atados.
- Filha! - disse Artabán - Criei inimigos nesta terra remota, só pelo nome que pronunciaste há um momento. Acreditei em você...
- Se minto, que me esfolem viva - ela respondeu.
- O terei em conta - prometeu o general, em todo afável - Vou comprová-lo pessoalmente. Mencionou o príncipe Teyaspa. O que sabe sobre ele?
- Compartilhei seu exílio durante três anos.
- Onde está agora?
A jovem apontou vale abaixo, para as torres de um castelo que só se via entre os penhascos.
- Está naquela fortaleza, que pertence a Gleg, o zaporoskano.
- Não será fácil tomar esse bastião. - murmurou Artabán.
- Manda buscar o que resta de teus lobos-do-mar! - disse a garota - eu conheço um caminho que pode te levar até o coração dessa fortaleza.
Artabán mexeu a cabeça com desalento:
- Estes são todos os homens que me restam.
Ao ver a expressão de incredulidade que se esboçava no rosto da jovem, Artabán acrescentou:
- Me parece lógica a sua surpresa. Lhe contarei o que ocorreu... Escute...
Então, com uma sinceridade que assombrou seus compatriotas turanianos, Artabán relatou brevemente sua infeliz história. Não mencionou seus triunfos, que eram bastante conhecidos. Era um general famoso por suas incursões a países distantes, como Britúnia, Zamora, Koth e Shem quando, cinco anos antes, os piratas do Mar Vilayet se uniram aos kozaks, uns proscritos das estepes vizinhas, e tornaram-se uma terrível ameaça para o reino mais ocidental da Hirkânia. O rei Yildiz havia chamado o general para que remediasse a situação. Mediante uma ação energética, Artabán havia dominado os piratas e expulsado-os das costas ocidentais do mar interior.
Mas o general jogava muito e havia contraído fortes dívidas. A fim de saldá-las, durante uma das viagens em seu navio apoderou-se de um barco mercante em Khoroshun, matou todos os tripulantes e levou a carga à sua base para vendê-la secretamente. Mas, embora sua tripulação tivesse jurado não dizer nada, a notícia se divulgou. Artabán conservou a cabeça ao preço de realizar uma missão pouco menos que suicida para o rei Yildiz. Devia cruzar o mar Vilayet até chegar à desembocadura do Rio Zaporoska e, uma vez ali, destruir as bases dos piratas. Puseram apenas dois barcos à sua disposição para aquela tarefa arriscada. Artabán encontrou o acampamento fortificado e o tomou de assalto, já que naquele momento só haviam uns poucos piratas no lugar. O restante tinha ido rio acima para combater um grupo de nômades hirkanianos, similares à horda de Kurush Khan, que havia atacado os

navios zaporoskanos, com quem os corsários mantinham boas relações. Artabán destruiu várias naves piratas ancoradas e capturou alguns flibusteiros velhos e enfermos, que não haviam partido com a expedição.

A fim de atemorizar e castigar os corsários, Artabán havia ordenado que os cativos fossem empalados, queimados vivos e esfolados. Estavam executando essa sentença, quando o principal contingente de piratas regressou. Artabán fugiu e se viu obrigado a abandonar uma de suas naves. Consciente da pena que lhe estava reservada por seu fracasso, o general havia escapado até a zona desolada que se estendia pela costa sudoeste do Vilayet, de onde as Montanhas Colchianas chegavam quase até a costa do mar. Não tardou em ser perseguido pelos piratas no mesmo barco em que ele estava, e alcançaram-no quando a costa ocidental já estava à vista. A luta espalhou-se sobre o pavimento de ambos os navios, até que estes encheram-se de mortos e feridos. A superioridade numérica e de armamento dos turanianos, junto com o uso certeiro do esporão da galera por parte de Artabán, lhe proporcionou uma precária vitória.

- Assim pois... - concluiu Artabán - Fizemos a galera adentrar a baía. Poderíamos tê-la consertado, mas a frota do rei percorre todo o Mar Vilayet e haviam colocado um nó solto em torno do meu pescoço por meu fracasso. Portanto, me dirigi, com meus homens às montanhas, em busca de algo que talvez nunca consigamos: um lugar onde estaremos a salvo da dominação turaniana, ou um novo reino para governar.

Roxana escutou o general com atenção. Quando concluiu, começou a relatar sua própria história. Como Artabán sabia muito bem, era costume dos reis de Turan, ao subir ao trono, matar seus irmãos e filhos destes, a fim de eliminar toda possibilidade de uma guerra civil por ambições familiares. Além disso, também era costumeiro que, ao morrer o rei, os nobres e os generais aclamassem como novo soberano àquele filho do morto que chegasse primeiro à capital depois do falecimento.

O débil Yildiz jamais teria superado Teyaspa, seu violento irmão, se não fosse pela mãe do primeiro, uma nativa de Koth chamada Khushia. Esta formidável matrona, a verdadeira governante de Turan, preferia Yildiz porque era mais dócil. Por conseguinte, enviou Teyaspa ao exílio. Este buscou refúgio no Iranistão, mas descobriu que o rei daquele país, combinado com Yildiz, tinha a intenção de envenená-lo. Numa tentativa de chegar a Vendhia, o príncipe exilado foi capturado por uma tribo de nômades hirkanianos, que reconheceram-no e venderam-no aos turanianos. Teyaspa acreditou que sua sorte estava destruída, mas sua mãe interveio e pediu a Yildiz que não mandasse estrangular seu irmão.

Ao invés disso, Teyaspa foi enclausurado no castelo de Gleg de Zaporoska, um feroz chefe de bandoleiros, que havia chegado ao Vale do Akrim muitos anos antes e se estabelecido ali como senhor feudal dos primeiros habitantes - os yuetshis -, aos quais explorava mais do que protegia. Teyaspa foi cercado por todos os luxos e diversões, com a finalidade premeditada de debilitar seu caráter.

Roxana explicou que ela era uma das dançarinas enviadas para entretê-lo. Mas havia se apaixonado profundamente pelo elegante príncipe e, ao invés de buscar-lhe a ruína, pretendia fazer dele um homem livre.

- Mas o príncipe Teyaspa... - explicou a jovem - tem afundado na apatia... Ninguém reconheceria nele o ousado filhote de águia que conduziu seus soldados a tantas vitórias contra os britunianos e os asshuri. A prisão, o vinho e a seiva do lótus-negro têm nublado seus sentidos. Permanece o dia todo largado entre almofadas, como em transe, e só parece prestar atenção quando canto e bailo para ele. Mas tem sangue de conquistadores nas veias. Não é mais que um leão adormecido.

'Quando os hirkanianos chegaram ao vale, - ela continuou - eu fugi do castelo e fui em busca de Kurush Khan, com a esperança de encontrar um homem suficientemente ousado para ajudar Teyaspa. Mas vi com meus próprios olhos como assassinaram Kurush Khan, e minha ilusões se dissiparam. Os hirkanianos haviam enlouquecido. Me escondi num palheiro, mas não demoraram em descobrir-me. Oh, meu senhor, ajuda-nos! Que importa se só contas com um punhado de homens? Muitos impérios foram erigidos com menos. Quando souberem que o príncipe está livre, os homens se unirão em grande número à nossa causa. Yildiz é um tonto medíocre e as pessoas temem seu filho Yezdigerd, um jovem cruel e de caráter sinistro.

'A guarnição turaniana mais próxima está a três dias de marcha daqui. - concluiu a jovem - Akrim, assim sendo, é uma zona isolada, só conhecida pelos nômades e pelos infelizes yuetshis. Aqui, pode-se forjar um império sem nenhuma dificuldade. Tu também és um proscrito. Vamos nos aliar para libertar Teyaspa e erguê-lo ao trono! Se ele chegar a ser rei, terás todo tipo de honras e riquezas, enquanto Yildiz não te oferece mais que o laço da forca!'.

A garota pôs-se de joelhos e agarrou com suas mãos a capa do general, com os olhos escuros acesos de paixão. Artabán permaneceu em silêncio e logo pôs-se a rir às gargalhadas.
- Precisaremos dos hirkanianos para nossa tarefa. - disse o general. A garota bateu palmas, lançando uma exclamação de alegria.

- Alto! Exclamou Conan, o cimério, que, depois de deter-se, olhou ao redor, com os músculos do poderoso pescoço em tensão.
Atrás dele, seus companheiros interromperam a marcha com um estrondo metálico de armas. Encontravam-se num estreito desfiladeiro, flanqueado a ambos os lados por escarpas abruptas nas quais, a intervalos, crescia algum abeto anão. Diante deles, fluía um pequeno manancial entre um grupo de árvores dispersas e logo, transformado num riacho, deslizava para baixo, entre seixos cobertos de musgo.
- Pararemos aqui para bebermos e nos abastecermos de água - disse Conan, com um rosnado.
Na noite anterior haviam chegado, em marchas forçadas, até a baía onde Artabán havia escondido sua galera. Conan deixou lá quatro feridos, que não estavam em condições de lutar, para que reparassem a embarcação, e continuou avançando com o resto dos piratas. Acreditando que os turanianos estavam relativamente próximos, Conan apressou a marcha com a esperança de alcançá-los e vingar-se da matança do Rio Zaporoska. Mas logo, ao se pôr a lua, perderam-lhe o rastro no labirinto de barrancos e erraram seu rumo fixo. Agora, com a chegada da aurora, haviam encontrado água, mas estavam perdidos e exaustos. O único sinal de presença humana que haviam visto, desde que se afastaram da costa, foi um grupo de cabanas situadas entre os rochedos. Estas abrigavam umas pessoas primitivas, que andavam nuas e fugiram uivando quando viram que uns desconhecidos se aproximavam. De algum lugar da montanha, ouviu-se o rugido de um leão.
Conan era o único, dos vinte e seis homens que compunham o grupo, cujos músculos ainda resistiam. Num determinado momento, disse a seus homens:
- Podem dormir. Ivanos, escolha dois homens para que façam a primeira guarda com você. Quando o sol estiver em cima daquele abeto, desperte outros três. Eu vou explorar o desfiladeiro.
O cimério avançou pela estreita garganta e logo sumiu entre os arbustos dispersos. Os lados do desfiladeiro haviam se convertido em penhascos que se erguiam verticalmente do solo rochoso. De repente, com uma rapidez inusitada, uma figura selvagem e peluda saiu de umas moitas e defrontou-se com o pirata. O ar assobiou entre os dentes de Conan enquanto sua espada desembainhada lançava faíscas. Logo se deteve, ao perceber que a estranha aparição não levava armas.
Se tratava de um yuetshi; era um homem de aspecto deplorável, coberto com peles de cordeiro. Seus braços longos, suas pernas curtas e o rosto amarelado de olhos rasgados lhe davam um aspecto de pequeno duende das lendas.
- Por Khosatra! - exclamou o andarilho - O que faz um membro da Irmandade Livre nesta terra dominada pelos hirkanianos?
O homem falava num dialeto turaniano, mas com forte sotaque estrangeiro.
- Quem é você? - inquiriu Conan.
- Eu era um dos chefes dos yuetshis. - respondeu o outro, com um riso selvagem - Me chamo Vinashko. E o que você faz aqui?
- Me diga, o que há além deste desfiladeiro? - perguntou Conan, simultaneamente.
- Atrás daquele monte, há um labirinto de barrancos e rochedos. Se abrir caminho por essa área, chegará a um lugar de onde se avista o Vale do Akrim, que até ontem era o lar de minha tribo, e hoje só abriga seus ossos carbonizados.
- Tem comida lá?
- Sim, comida e morte. Uma horda de hirkanianos domina o vale.
Nesse momento, ouviu-se um ruído, e Conan percebeu que Ivanos aproximava-se deles.
- Lhe disse que vigiasse, enquanto os outros dormiam. - disse o cimério, franzindo a testa.
- Têm fome demais para conciliarem o sono. - respondeu o coríntio, enquanto olhava, com receio, o yuetshi.
- Por Crom! - exclamou Conan com um grunhido - Não posso conseguir alimentos por habilidades mágicas. Terão que esperar até que possamos saquear uma aldeia...
- Eu posso guiá-los até um lugar onde terão comida suficiente para alimentar um exército. - lhe interrompeu Vinashko.
- Não deboche de mim, companheiro! - disse Conan, com voz ameaçadora - Acaba de dizer

que os hirkanianos...
- Não! Tem um lugar aqui perto, que eles desconhecem, onde nós armazenávamos alimentos. Eu ia até lá, quando nos encontramos.
Conan desembainhou sua espada, uma arma de lâmina larga e reta, de duplo fio, num país onde as espadas curvas eram o padrão. Além disso, media mais de um metro de comprimento.
- Então, leve-nos até lá. - disse o cimério - Mas não esqueça que, ao primeiro movimento em falso, te corto a cabeça!
Mais uma vez, o yuetshi riu, selvagem e debochadamente, e a seguir, fez-lhes um sinal para que o seguissem. Avançou até umas rochas e, depois de remexer uns arbustos, pôs à mostra uma fenda na parede. Olhou seus acompanhantes, inclinou-se e entrou no buraco.
- Não será o refúgio do lobo? - perguntou Ivanos.
- O que teme? - disse Conan - Os ratos?
E, dizendo isto, entrou pela abertura, seguido por Ivanos. Não se viu numa cova, como esperava, mas numa estreita passagem que havia no desfiladeiro. Por cima de sua cabeça, podia ver uma fina faixa de céu azul limitada pelas escarpadas paredes. Avançaram na escuridão uns cem passos e foram parar num amplo espaço circular rodeado por muros verticais de rochas que, à primeira vista, pareciam um monstruoso labirinto. Um rumor surdo procedia do centro, onde havia um buraco contornado por um pequeno brocal. Do dito orifício saía uma chama tênue, da altura de um homem, que iluminava suavemente aquele recinto.
Conan olhou curiosamente ao seu redor. Era como encontrar-se no fundo de um gigantesco poço. O solo era de rocha sólida e estava totalmente liso, provavelmente pelas pisadas de dez mil gerações de homens. As paredes circulares, demasiado perfeitas para serem naturais, estavam perfuradas por centenas de negros buracos quadrados, cerrados com lajes e dispostos em filas regulares. A parede erguia-se a uma grande altura, até terminar num pequeno círculo de céu azul, onde planava um abutre que, à distância, parecia um ponto negro. Havia uma escada em espiral, talhada na rocha, que iniciava-se ao nível do solo e descrevia um semicírculo completo ao ascender, para terminar numa plataforma situada em frente a um grande orifício negro, semelhante à entrada de um túnel.
- Esses buracos... - explicou Vinashko - São as tumbas de um povo antigo que viveu aqui, antes que meus antepassados chegassem ao Mar Vilayet. As lendas contam que esse povo não era humano e que se alimentava de meus antepassados, até que um sacerdote dos yuetshis, através de um poderoso encantamento, encerrou-os nos nichos que existem na parede e acendeu um fogo no centro, para mantê-los aprisionados ali. Certamente seus ossos transformaram-se em pó há muito tempo. Alguns do meu povo têm tentado tirar as lajes que cerram as tumbas, mas a rocha desafiou todos os seus esforços.
O yuetshi apontou umas pilhas que haviam a um lado do poço e acrescentou:
- Minha gente armazenou aqui alimentos para os tempos de penúria. Podem levar o que quiserem, pois já não restam yuetshis que possam comê-los.
Conan reprimiu um estremecimento de temor supersticioso e disse:
- Seu povo deveria ter morado nestas covas. Um só homem bastaria para defender a fenda contra uma horda de atacantes.
O yuetshi encolheu os ombros e disse, com ar resignado:
- Aqui não há água. Além disso, quando os hirkanianos nos atacaram, não houve tempo. As pessoas de meu povo não eram belicosas; só ambicionavam cultivar a terra.
Conan mexeu a cabeça. Não conseguia entender que houvesse gente com caráter semelhante. Vinashko começou a colher uns sacos que continham milho, arroz, queijo fermentado e carne defumada, assim como alguns odres de vinho ácido.
- Ivanos. - ordenou Conan - Vá e traga alguns homens para que carreguem os sacos de alimentos. Eu esperarei aqui.
Quando Ivanos desapareceu pela abertura, Vinashko pegou um dos ombros de Conan e perguntou:
- Acredita em mim agora?
- Sim, por Crom. - respondeu o cimério, enquanto mordiscava alguns figos secos - Qualquer homem que me conduz a um lugar onde há comida, tem que ser obrigatoriamente meu amigo. Mas, como você e sua gente chegaram aqui desde o Vale do Akrim? O caminho deve ser longo e difícil.
Os olhos de Vinashko cintilaram como os de um lobo faminto.
- Esse é nosso segredo. - disse - Lhe revelarei se você confia em mim.
- Quando eu tiver o estômago cheio. - respondeu Conan, com a boca cheia de figos - Nós estamos perseguindo um demônio sombrio chamado Artabán de Shahpur, que encontra-se

em algum lugar destas montanhas.
- É seu inimigo?
- Inimigo? Se puser as mãos nele, farei um par de botas com sua pele!
- Artabán de Shahpur se encontra a três horas de cavalo daqui.
- Ah! - exclamou o cimério, pondo-se de pé e buscando sua espada, com os olhos acesos - Leve-me até ele!
- Deve ser prudente. - aconselhou Vinashko - Artabán conta com quarenta turanianos armados, e além disso uniu-se a Dayuki e cento e cinqüenta hirkanianos. Quantos guerreiros tem, senhor?
Conan ficou mastigando em silêncio. Com tal disparidade numérica, não poderia dar nenhuma vantagem a Artabán. Durante os meses que seguia vivendo como capitão pirata, havia transformado seus homens numa tropa eficaz, mas esta continuava sendo um instrumento a ser manejado cuidadosamente. Deixados à própria sorte, os homens eram imprudentes e despreocupados, capazes de perder a vida da forma mais estúpida. Bem dirigidos, em compensação, podiam fazer grandes coisas.
- Se vires comigo, kozak, lhe mostrarei algo que nenhum ser humano, exceto um yuetshi, viu em mil anos! - disse Vinashko.
- O que é?
- Um caminho para a morte de nossos inimigos!
Conan deu alguns passos, mas logo se deteve e disse:
- Espere! Nossos irmãos estão chegando aqui. Ouça como esses cães praguejam!
- Envie-os de volta ao acampamento com os alimentos. - sussurrou Vinashko, no momento em que meia dúzia de piratas entravam pela fenda, olhando receosamente para dentro da enorme caverna.
Conan os deteve com um gesto imponente e ordenou:
- Levem estes alimentos pra perto do manancial. Lhes disse que encontrariam comida.
- E o que fará agora? - perguntou Ivanos.
- Não se preocupe comigo! - respondeu o cimério - Tenho que falar com Vinashko. Voltem ao acampamento e se entupam de comida, demônios!
Imediatamente cessou o eco dos passos dos piratas. Conan deu em Vinashko uma palmada nas costas, que o fez cambalear, e disse:
- Vamos.
O yuetshi guiou-o pela escada circular talhada na rocha viva. Por cima da última fila de nichos, via-se a abertura do túnel. Conan percebeu que podia entrar nele sem agachar-se.
- Se seguir por este túnel... - assegurou Vinashko - Sairá justamente atrás do castelo de Gleg, o zaporoskano, de onde domina todo o Vale do Akrim.
- E de que serve isso? - perguntou Conan com um grunhido, enquanto avançava atrás do yuetshi.
- Ontem, ao início da matança, enfrentei os cães hirkanianos durante algum tempo. Quando vi que meus companheiros tombavam, fugi correndo do vale, pelo desfiladeiro de Diva. Então, topei com uns guerreiros desconhecidos que me derrubaram e ataram minhas mãos. Queriam saber o que havia ocorrido no vale. Logo, tomei conhecimento que eram marinheiros da esquadra do rei no Mar Vilayet, que chamavam Artabán de seu chefe. Enquanto me interrogavam, chegou uma garota cavalgando feito um demônio, perseguida pelos hirkanianos. Saltou do cavalo e suplicou a Artabán que a ajudasse. Então, vi que se tratava de uma das dançarinas zamorianas que moram no castelo de Gleg. Uma chuva de flechas fez os hirkanianos fugirem e Artabán pôs-se a conversar com a jovem, esquecendo-se de mim. Faz três anos que Gleg encerrou um prisioneiro em sua fortaleza. Sei disso porque tive que levar milho e ovelhas ao castelo, para receber o pagamento ao estilo dos zaporoskanos, ou seja, com maldições e golpes. Kozak, o prisioneiro é Teyaspa, o irmão do rei Yildiz!
Conan lançou um grunhido de surpresa.
- A garota, Roxana..., - prosseguiu Vinashko - Revelou este segredo a Artabán, que jurou ajudá-la a libertar o príncipe. Enquanto conversavam, os hirkanianos se deteram a certa distância, com intenções vingativas, porém cautelosos. Artabán os chamou e conseguiu falar com Dayuki, o novo chefe depois que Kurush Khan fora assassinado durante o saque de minha aldeia. Finalmente, o hirkaniano transpôs a barreira rochosa e terminou se tornando muito amigo de Artabán. Eles dois e a garota planejaram libertar o príncipe Teyaspa para colocá-lo no trono do reino.
'Roxana descobriu o caminho secreto que leva à fortaleza. - continuou dizendo o yuetshi - Hoje, antes do pôr-do-sol, os hirkanianos atacarão o castelo pela frente. Enquanto eles atraem, desse modo, a atenção dos zaporoskanos, Artabán e seus homens vão entrar na

fortaleza pela passagem secreta. Roxana lhes abrirá a porta por dentro, e eles apoderar-se-ão do príncipe e fugirão para as montanhas; ali pensam em reunir mais homens para prosseguir a luta.
'Enquanto isso... - concluiu o yuetshi - caiu a noite. Consegui livrar-me das amarras a mordidas e escapei daquele lugar. Você deseja vingança e eu lhe direi como pegar Artabán. Mate todos, menos Teyaspa. Poderá obter um bom resgate da mãe dele, Khushia, ou do próprio Yildiz, se resolver matar Teyaspa. Ou, se preferir, pode nomear a si mesmo como fundador de uma dinastia de reis'.
- Está bem, mostre-me o caminho. - disse Conan, com os olhos brilhando de impaciência.
O túnel era amplo, pois por ele poderiam avançar três cavalos ao mesmo tempo, e a princípio descia de forma pronunciada. De vez em quando, uns degraus conduziam a um nível inferior. A principio, Conan nada via na escuridão. Logo, esta se atenuou por um leve fulgor que havia à distância. O fulgor transformou-se num brilho prateado e, finalmente, o túnel se encheu com o ruído da água que caía.
Os dois homens detiveram-se na entrada do túnel, oculta por uma pequena cachoeira que caía de umas rochas situadas um pouco mais acima. Aos pés da cascata formava-se uma lagoa cujas águas espumantes davam origem a um riacho que descia pelo desfiladeiro. Vinashko apontou para uma saliência rochosa que margeava a lagoa. Conan o seguiu por ali e encontrou-se numa garganta extraordinariamente estreita, na qual os taludes verticais que haviam de ambos os lados elevavam-se a uma grande altura. Não se via vegetação alguma, com exceção de uma estreita faixa na margem do riacho que serpenteava desfiladeiro abaixo, para cair mais adiante por uma fenda situada num muro rochoso.
Conan caminhava, sempre seguido pelo yuetshi, que subiu pela tortuosa garganta do desfiladeiro. Depois de uns trezentos passos, perderam de vista a cascata. O chão agora inclinava-se para cima. Pouco depois, o yuetshi deteve-se e pegou Conan pelo braço. Uma árvore retorcida crescia num ângulo do muro rochoso e Vinashko pôs-se atrás, sinalizando algo a Conan.
Além do ângulo em que se encontravam, o desfiladeiro continuava uns oitenta passos e terminava abruptamente num muro rochoso. Mas, para a esquerda, a escarpa apresentava uma estranha alteração, e Conan teve que olhar minuciosamente para descobrir que se tratava de uma parede feita pelo homem. Encontravam-se atrás de um castelo, construído num desfiladeiro da montanha rochosa. Suas paredes se erguiam do próprio fundo do desfiladeiro. Não havia nenhuma ponte que permitisse transpor o abismo, e a única entrada que havia no local era uma pesada porta de madeira e bronze, situada no meio do muro. Em frente a esta, havia uma estreita saliência rochosa, à qual podia-se chegar através de uns degraus talhados na pedra.
- Por aqui fugiu a jovem Roxana. - disse Vinashko - Esta garganta corre quase paralela ao rio Akrim. Se estreita na direção oeste e finalmente se abre no vale, através de uma fenda pela qual flui a corrente de água. Os zaporoskanos têm bloqueado a entrada com pedras, a fim de que o caminho não possa ser visto do vale, no exterior. Raras vezes usam este caminho e ninguém conhece a existência do túnel que há atrás da cascata.
Conan esfregou o queixo, com ar pensativo. Sentia ardentes desejos de saquear o castelo, mas não via meio de entrar nele.
- Por Crom, Vinashko, que eu gostaria de estar lá em cima! - disse o cimério.
O yuetshi lançou um olhar ao corpo robusto de Conan, moveu a cabeça negativamente e respondeu:
- Há um meio de entrar, pela chamada Estrada das Águias, mas não serve para um homem como você.
- Por Ymir! Acaso se acha melhor escalador que um cimério da montanha? Vamos, prossiga!
Vinashko encolheu os ombros e recuou até que, encontrando-se novamente à vista da cascata, se deteve ante uma série de buracos pouco profundos que haviam na escarpa. Conan observou de perto e viu que eram escavados na rocha sólida.
- Eu teria feito buracos um pouco mais profundos. - sussurrou Conan; mas, apesar de tudo, começou a subir atrás de Vinashko, agarrando-se aos buracos com os dedos das mãos e dos pés.
Finalmente alcançaram o alto do talude, que formava a face sul da garganta, e sentaram-se na borda, com os pés pendurados no vazio.
O desfiladeiro se retorcia debaixo deles, como o rastro de uma serpente. Conan olhou para a parede oposta, que era mais baixa e da qual se avistava o Vale do Rio Akrim.
Para a direita, o sol da manhã estava bastante alto sobre o resplandecente Mar Vilayet. À esquerda, erguiam-se os picos coroados de branco das Montanhas Colchianas. E, atrás de si, o cimério viu o labirinto de desfiladeiros, num dos quais seus homens estavam

acampados.
A fumaça ainda pairava pesadamente sobre as manchas enegrecidas do que haviam sido as aldeias vizinhas. Vale abaixo, na margem esquerda do rio, via-se algumas barracas de campanha, feitas de peles de animais. Conan viu alguns homens que perambulavam como formigas em torno daquelas tendas. Eram os hirkanianos, segundo dissera Vinashko, que logo apontou, vale acima, para a boca de um desfiladeiro estreito onde estavam acampados os turanianos. Mas o que atraiu o interesse de Conan foi o castelo.
Era a encarnação da solidez, implantada nos rochedos que haviam entre o desfiladeiro e o vale. A fortaleza estava rodeada por uma maciça muralha de uns seis metros de altura. Pela parte exterior, se abria uma enorme porta ladeada por torres, nas quais haviam rachaduras para colocar flechas. Esta inclinação não era tão alta a ponto de impedir o acesso de tropas ou carruagens, mas tampouco oferecia refúgio nem defesa alguma aos possíveis atacantes.
- Seria necessário o poder do demônio para tomar este castelo. - disse Conan, com um grunhido - Como faremos para chegar até o irmão do rei? Ao menos, leve-me até Artabán, para que eu possa voltar, com a cabeça dele, ao rio Zaporoska.
- Tenha cuidado, se deseja conservar a sua. - respondeu Vinashko - O que vê nesse desfiladeiro?
- Muita pedra nua, com uma só franja verde ao longo do riacho.
O yuetshi sorriu com expressão de lobo e voltou a perguntar:
- E não notou que esta franja é mais densa e mais alta na margem direita? Escute! De trás da cascata, podemos vigiar até que os turanianos cheguem pelo desfiladeiro. Logo, enquanto estiverem no castelo de Gleg, nos esconderemos entre os capins que margeiam o riacho e esperaremos até que regressem. Então matamos todos, exceto Teyaspa, a quem levamos prisioneiro, e depois voltamos pelo túnel. Tem um barco para que possamos escapar?
- Sim. - disse Conan, que acrescentou: - Escute, Vinashko, há algum caminho de descida deste rochedo, que não seja a escarpa pela qual fugimos?
- Há um caminho que dirige-se para o leste, ao longo da montanha, e que logo desce até as gargantas onde seus homens estão acampados. Deixe-me mostrá-lo. Vê aquela rocha que parece uma mulher velha? Pois bem, dobrando para a direita...
Conan escutou atentamente as explicações que o yuetshi lhe dava e chegou à conclusão de que era um caminho perigoso, muito mais apropriado para íbices ou cabras montesas do que para seres humanos, e de difícil acesso à garganta que havia embaixo.
Em meio à explicação, Vinashko se interrompeu, voltou-se e ficou paralisado pela surpresa.
- Que é isso? - perguntou.
Um grupo de cavaleiros saía do distante acampamento hirkaniano e fustigavam seus cavalos, para fazê-los cruzar o rio pouco profundo. O sol fazia brilhar as pontas das lanças, enquanto no castelo via-se o resplendor dos capacetes dos defensores.
- O ataque! - exclamou Vinashko - Por Khosatra e Khel! Mudaram de planos! Não iam atacar à noite! Rápido! Temos que descer e nos escondermos no desfiladeiro, antes que os turanianos cheguem!
Pouco depois desceram novamente, apoiando-se nos pequenos buracos.
Finalmente chegaram à garganta do desfiladeiro e dirigiram-se apressadamente à cascata. Alcançaram a lagoa, passaram pela saliência rochosa e penetraram por trás da pequena catarata. Ao adentrar a penumbra ali reinante, Vinashko agarrou o braço de Conan coberto pela cota-de-malha. Por cima do murmúrio das águas que caíam, o cimério chegou a ouvir um ruído metálico. Olhou através da brilhante cortina de prata que dava a tudo um aspecto irreal e fantasmagórico, mas que os escondia de quem pudesse estar lá fora. Haviam alcançado o refúgio a tempo.
Um grupo de homens altos, cobertos com cotas de malha e com capacetes adornados por turbantes, se aproximavam da garganta do desfiladeiro. À frente deles marchava um, mais alto que os demais; tratava-se de um personagem de barba negra e rosto de falcão. Conan respirou fundo, segurou a empunhadura de sua espada e avançou, mas Vinashko agarrou-lhe um braço e sussurrou agitadamente:
- Em nome dos deuses, kozak, não jogue assim com nossas vidas! Os temos nas mãos, mas se você se apressar e agir agora...
- Não se preocupe, amigo. - respondeu Conan com um sorriso sombrio - Não sou tão estúpido, a ponto de arruinar uma vingança por um impulso repentino.
Os turanianos cruzavam o riacho. Na margem oposta, deteram-se como que para ouvir algo. Finalmente, e sobrepondo-se ao rumor das águas, os dois homens que estavam na gruta ouviram os gritos de muitos indivíduos juntos.
- O ataque! - sussurrou Vinashko.

Como se tratava de um sinal, os turanianos avançaram rapidamente pela garganta do desfiladeiro. Vinashko apoiou uma das mãos no ombro do cimério e disse:
- Fique aqui e vigie. Vou trazer seus piratas, para aproximar a cilada.
- Se apresse, então. - disse Conan - Deve voltar com eles a tempo.
Vinashko afastou-se como uma sombra.

O príncipe Teyaspa encontrava-se numa habitação luxuosa, cheia de tapetes tecidos com fios de ouro, divãs de seda e almofadas de veludo. Parecia a encarnação da ociosa voluptuosidade, reclinado entre sedas e cetins, e com uma jarra de vinho ao alcance da mão. Seus olhos escuros eram os de um sonhador, cujas fantasias estavam tingidas pelo álcool e pelas drogas. Tinha o olhar posto em Roxana, que agarrava desesperadamente as barras de uma janela enquanto olhava lá fora. Mas a expressão que se esboçava no rosto do príncipe era de tranqüilidade e indiferença. Não parecia perceber os gritos e o clamor que vinham de fora.
Roxana movia-se com desassossego e olhava, de vez em quando, o príncipe, por cima do ombro. Havia lutado como uma tigresa, para evitar que Teyaspa caísse no abismo de decadência e resignação que seus captores prepararam para ele. A garota, que não era fatalista, havia conseguido manter em Teyaspa o apelo da vida e da ambição.
- Chegou a hora. - disse ela, respirando fundo e virando-se - O sol está a pino. Os hirkanianos estão subindo a inclinação, esporando seus cavalos e lançando flechas contra a muralha. Os zaporoskanos respondem com dardos e pedras, provocando a morte entre os atacantes, cujos corpos cobrem a encosta. No entanto, os hirkanianos continuam atacando como loucos. Devo me apressar. Espera-me sentado na poltrona dourada, meu amado!
Prostrou-se diante de Teyaspa e beijou-lhe os sapatos, num êxtase de adoração. Logo, se pôs de pé e saiu apressadamente da moradia. Cruzou correndo outro cômodo, onde dez negros robustos montavam guarda dia e noite. Atravessou um corredor, até chegar ao pátio posterior, que se encontrava entre o castelo e a muralha. Embora não permitissem a Teyaspa sair de seus aposentos sem escolta, a garota podia entrar e sair à vontade. A jovem atravessou o pátio e aproximou-se da porta que levava ao desfiladeiro. Ali havia um guarda, contrariado porque não podia tomar parte na luta. Embora a área posterior do castelo fosse praticamente invulnerável, o cauteloso Gleg havia postado um vigia ali, para prevenir qualquer eventualidade. O guarda era um só, e levava um gorro de feltro num lado da cabeça. Apoiava-se numa lança, e franziu a testa quando Roxana aproximou-se dele.
- O que faz aqui, mulher? - ele perguntou.
- Tenho medo. - ela disse - Os gritos me assustam, senhor. O príncipe está drogado pela seiva do lótus e não há ninguém que elimine meus temores.
Roxana teria sensibilizado o coração de um morto, com sua atitude suplicante. O homem afagou a espessa barba e disse:
- Não tema, pequena gazela. Eu te protegerei.
A sentinela apoiou sua mão no ombro de Roxana e atraiu-a para si, enquanto dizia:
- Ninguém ousará tocar-lhe um pêlo. Eu... Aaaah!
Quando o homem envolveu-a com seus braços, a garota cravou-lhe uma adaga na garganta. O vigia ainda teve forças para colocar a mão no cabo da espada. Mas logo cambaleou e caiu pesadamente. Roxana retirou-lhe um molho de pesadas chaves do cinto e correu para a porta. Abriu-a rapidamente e conteve um grito de alegria quando viu que Artabán e seus turanianos encontravam-se do outro lado do precipício.
Uma prancha maciça, que substituía a ponte levadiça, encontrava-se de um lado da porta, mas era muito pesada para que a jovem pudesse erguê-la. Em outra ocasião, a jovem a havia utilizado para escapar, quando a deixaram estendida por descuido sobre o abismo. Artabán arremessou-lhe o extremo de uma grossa corda, que a jovem atou a uma das dobradiças da porta. A outra ponta foi sustentada por seis robustos turanianos. Pendurando-se à corda, três deles atravessaram o abismo pouco a pouco, com seus corpos oscilantes. Uma vez do outro lado, instalaram a prancha, pela qual cruzaram o resto dos turanianos.
- Vinte homens ficam aqui, guardando a ponte. - ordenou Artabán - Os demais, sigam-me.
Os turanianos desembainharam as espadas e seguiram seu chefe. Artabán, por sua vez, ia atrás da garota, que avançava rapidamente. Ao entrar no castelo, um dos serventes os olhou e ficou boquiaberto. Antes que pudesse dar um grito, o afiado sabre de Dayuki, que se encontrava entre os atacantes, cortou-lhe a garganta de um talho. O grupo irrompeu na antecâmara, na qual faziam a guarda dez negros, os quais saltaram empunhando suas cimitarras. Ouviu-se o estrépito metálico de espadas que se chocavam, misturado com os ofegos e os gritos dos feridos. Morreram três turanianos, e os demais entraram no quarto por

cima dos corpos ensangüentados dos sentinelas negros.
Teyaspa pôs-se em pé e seus olhos serenos brilharam com um fogo antigo, enquanto Artabán ajoelhava-se diante dele e agarrava o punho de sua cimitarra ensangüentada.
- Estes são os guerreiros que te colocarão no trono! - exclamou Roxana.
- Vamos logo, antes que os cães zaporoskanos notem nossa presença. - disse Artabán.
Rodeou o príncipe com seus soldados, logo atravessaram as salas rapidamente e, após cruzar o pátio, aproximaram-se da porta. Às suas costas, soou um estrondo metálico. E, enquanto os turanianos cruzavam a ponte levadiça, ouviram gritos selvagens às suas costas.
Através do pátio, viram uma figura robusta coberta de seda e aço, seguida por cinqüenta homens armados que se aproximavam correndo.
- Gleg! - exclamou Roxana.
- Levantem a prancha! - rugiu Artabán, saltando para a ponte.
De ambos os lados do precipício as flechas assobiaram, até que o ar ficou coberto por uma verdadeira nuvem de dardos lançados em ambas as direções. Caíram vários zaporoskanos, e o mesmo aconteceu a dois turanianos que se puseram à mostra para levantar a prancha.
Gleg avançou rapidamente pela ponte, com os frios olhos cinzas cintilando sob seu capacete pontudo. Artabán defrontou-se com ele, corpo a corpo. Num fulgurante redemoinho de aço, a cimitarra do turaniano desviou a lâmina de Gleg, e despedaçou a malha e os grossos músculos do pescoço do zaporoskano. Gleg cambaleou por um instante e logo, enquanto proferia um grito selvagem, despencou no abismo.
Mas os turanianos haviam conseguido colocar a ponte. No extremo oposto, os defensores zaporoskanos da fortaleza começaram a gritar e a disparar flechas. Antes que os turanianos desaparecessem da saliência rochosa, três deles morreram e outros foram feridos, em conseqüência da chuva de dardos. Artabán proferiu uma maldição.
- Todos vocês menos seis... - ordenou - Devem ir adiante para abrir caminho. Eu lhes seguirei com o príncipe. Meu senhor... - acrescentou, dirigindo-se a Teyaspa - Não pude trazer um cavalo até aqui, mas farei com que meus homens preparem uma liteira com as lanças.
- Não permitam os deuses que eu viaje nos ombros de meus libertadores! - exclamou - Hoje voltei a ser um homem! Jamais esquecerei este dia!
- Louvados sejam os deuses! - murmurou Roxana.
O grupo chegou até a cascata. Todos já haviam cruzado o riacho, menos os homens que ficaram na retaguarda, quando se ouviu um estalo de cordas de arcos, como se uma mão tivesse pulsado uma harpa invisível. As filas dianteiras caíram sob as flechas, e logo outra e outra, como espigas diante da foice. O resto do contingente recuou, lançando gritos de alarme.
- Cão! - exclamou Artabán, voltando-se para Dayuki - Isto é coisa sua!
- Eu mandaria meus homens dispararem contra mim? - respondeu o hirkaniano, completamente pálido - Este é um novo inimigo!
Artabán correu para seus homens desmoralizados, gritando maldições. Sabia que os zaporoskanos não tardariam em estender uma nova passarela sobre o precipício e o perseguiriam, com o que sobraria pego entre dois inimigos. Não tinha a menor idéia de quem podiam ser seus atacantes. Do castelo chegaram os gritos da batalha e depois ouviu-se o ressoar do aço e dos cavalos no vale externo. Mas quando encontrou-se na garganta estreita do desfiladeiro, de onde os ruídos vinham abrandados, Artabán não soube com certeza a origem daqueles ruídos.
Os turanianos continuaram caindo diante da chuva de flechas que seus inimigos invisíveis lançavam. Alguns dos atacados dispararam cegamente seus dardos contra os arbustos.
Artabán os fez baixarem os arcos e gritou:
- Imbecis, estão desperdiçando flechas contra as sombras! Desembainhem as espadas e sigam-me!
Com a fúria nascida do desespero, os turanianos sobreviventes atacaram com a capa ao vento e olhos cintilantes. As flechas derrubaram mais alguns turanianos, mas os restantes saltaram na água e cruzaram o leito estreito. Das moitas que haviam no outro lado, se levantaram uns indivíduos de aspecto selvagem, alguns cobertos com cotas-de-malha e outros seminus, empunhando suas espadas.
- Vamos a eles! - rugiu uma voz potente - Matem sem piedade!
Um grito de assombro surgiu das fileiras turanianas, quando reconheceram os piratas do Mar Vilayet. Logo, lançaram-se ao ataque, rugindo. O estrondo metálico do aço ressoava com força nos rochedos. Os primeiros turanianos que saltaram à margem oposta do riacho caíram com a cabeça destroçada. Logo os piratas saltaram de seus abrigos, para enfrentar seus inimigos numa luta corpo-a-corpo, com a água até a cintura. Piratas e turanianos

matavam e morriam com louco frenesi, enquanto o sangue e o suor cobriam seus rostos. Em poucos minutos, as águas tingiram-se de escarlate.
Dayuki se mesclou aos combatentes, e sua cimitarra de duplo fio ceifou a cabeça de um pirata. Então Vinashko lançou-se sobre ele, sem arma alguma e gritando desaforadamente. O hirkaniano recuou diante da ferocidade selvagem que esboçava-se no rosto do yuetshi, que conseguiu agarrá-lo pelo pescoço e cravou-lhe os dentes na garganta. Continuou agarrando a sua presa, mordendo cada vez mais fundo, como se não sentisse a adaga que Dayuki enfiava-lhe, uma vez após outra, num dos flancos. O sangue encheu a boca de Vinashko, e logo ambos perderam o equilíbrio e caíram na água. Enquanto continuava a luta desaforada, os dois homens foram arrastados pela corrente. Se viu emergir uma cabeça e logo outra, até que ambos desapareceram para sempre nas águas espumosas do riacho.
Os turanianos foram rechaçados até a margem esquerda do riacho, de onde opuseram uma breve e dura resistência. Logo, se dispersaram e fugiram até o lugar de onde o príncipe Teyaspa observava a luta, como que em transe. O príncipe encontrava-se à sombra do escarpado, com o pequeno grupo de soldados que Artabán havia designado para sua defesa. Por três vezes, fez menção de sacar sua espada, mas Roxana, abraçando-o com força, impediu-o.
Artabán, por sua vez, conseguiu livrar-se da perseguição de seus inimigos e se encaminhou rapidamente para onde estava Teyaspa. A espada do antigo almirante do rei Yildiz estava vermelha até o punho. Sua cota-de-malha estava rasgada e o sangue pingava por debaixo de seu capacete. Atrás dele, Conan avançava empunhando sua enorme espada com punho de aço. Cada um dos golpes destroçava escudos, destruía capacetes e amassava couraças, atravessando as cotas-de-malha, carnes e ossos.
- Ei, seus bufões! - rugiu o cimério em hirkaniano com forte sotaque bárbaro - Quero sua cabeça, Artabán, e quanto a você, Teyaspa, não há o que temer, meu elegante príncipe, pois não te farei dano!
Artabán, que procurava por onde fugir, percebeu os buracos da parede, e se deu conta da finalidade para a qual haviam sido feitos.
- Rápido, meu senhor! - disse - Suba por esses vãos! Vou deter os bárbaros enquanto isso!
- Sim, depressa! - exclamou Roxana - Eu te seguirei!
Mas o fatalismo se escondia no espírito do príncipe Teyaspa, que encolheu os ombros e, com gesto resignado, disse:
- Não, os deuses não querem que eu me sente no trono. Ninguém pode escapar a seu destino!
Roxana levou as mãos à cabeça com uma expressão de horror. Artabán embainhou sua espada e começou a subir pelo talude, com a agilidade de um marinheiro. Mas Conan foi atrás dele, agarrou-o pelo tornozelo e fê-lo cair em meio a um grande estrondo metálico. O hirkaniano tentou virar-se para repelir o ataque, mas o cimério transpassou-lhe o corpo com sua espada e parte da arma se cravou no chão.
Os piratas se aproximavam com as espadas jorrando sangue. Teyaspa estendeu as mãos e disse:
- Aqui estou. Sou Teyaspa.
A garota tapou os olhos, temendo pelo pior. Logo reagiu com a rapidez de um raio e cravou sua adaga no coração do príncipe, que caiu morto a seus pés. Imediatamente, voltou a lâmina contra seu próprio peito e despencou junto com seu amado. A jovem, sussurrando um débil lamento, sustentou a cabeça do príncipe entre seus braços, enquanto os piratas reuniam-se a seu redor, impressionados e sem compreender o que ocorria.
Um rumor, vindo da parte alta do desfiladeiro, os fez levantar a cabeça. Não eram mais que um punhado de homens, exaustos após a batalha e com a roupa empapada de água e sangue.
- Vêm soldados pelo desfiladeiro. - disse Conan - Voltem ao túnel.
Os piratas obedeceram com lentidão, como se só compreendessem pela metade o que lhes dizia. Antes que o último deles tivesse alcançado o refúgio da cascata, irrompeu uma onda de homens vindos do caminho que descia do castelo. Conan proferiu uma maldição e empurrou todos os piratas que sobravam. Ao olhar a seu redor, viu o desfiladeiro abarrotado de homens armados que vestiam o gorro de pele dos zaporoskanos, junto com outros que usavam os turbantes brancos da guarda imperial de Aghrapur. Um destes últimos levava, como adorno no turbante, algumas penas de pavão. Conan reconheceu, por esse detalhe dentre outros, o general da guarda imperial, o terceiro homem na linha de poder do Império Turaniano.
O general viu Conan e a retaguarda de seus piratas, e deu uma ordem. No momento em que o bárbaro, que ia por último, penetrava através da cortina d'água da cascata, um grupo de

turanianos se destacou do resto e correu até o riacho.
Conan ordenou a seus homens que corressem. Imediatamente após, voltou-se até a cascata, erguendo o escudo de um turaniano morto e empunhando sua enorme espada.
Um dos soldados imperiais cruzou a cortina líquida e, antes que tivesse tempo de gritar, a arma do cimério atravessou-lhe o pescoço. Sua cabeça e seu corpo caíram em direção oposta pela saliência rochosa, e logo rolaram na lagoa. O segundo guarda imperial teve tempo de acertar um golpe contra a figura fosca que se erguia acima dele, mas sua espada ricocheteou contra o escudo do cimério. Pouco depois, o soldado também caía no riacho, com o crânio partido em dois.
Então, ouviram-se uma serie de gritos, parcialmente abafados pelo murmúrio da cascata.
Conan se pôs de um lado, contra a parede do túnel, e nesse momento, uma chuva de flechas atravessou a cortina líquida, espatifando-se contra as paredes e o chão do túnel.
Um olhar para trás indicou a Conan que seus homens já haviam se perdido nas trevas do túnel. Então, correu atrás deles, de modo que, quando os guardas irromperam novamente através da cascata, já não encontraram mais ninguém ali.
Enquanto isso, no desfiladeiro, ergueram-se vozes de surpresa e espanto, quando os recém-chegados deteram-se diante dos cadáveres. O general ajoelhou-se junto ao corpo do príncipe e da garota moribunda.
- É o príncipe Teyaspa! - exclamou o general.
- Já não podem fazer-lhe nada... - sussurrou Roxana - Eu teria feito dele um rei, mas vocês roubaram a hombridade dele,... e preferi matá-lo...
- Eu lhe trazia a coroa de Turan! - disse o general - Yildiz está morto, e o povo se revoltará contra seu filho Yezdigerd, se tiverem outro soberano a quem seguir.
- É tarde demais! - murmurou a garota, e sua escura cabeça caiu para um lado.

Conan correu túnel acima, enquanto ouvia às suas costas o eco dos passos dos turanianos.
Ali, onde a passagem transformava-se numa grande chaminé natural, rodeada pelas tumbas da raça esquecida, o cimério viu seus homens reunidos, com ar desconcertado, no fundo do poço que havia abaixo. Alguns observavam a chama que havia no centro da circunferência e outros olhavam a escada, pela qual haviam descido.
- Voltem ao barco! - gritou o cimério com as mãos em forma de concha.
Seus gritos ressoaram nas negras paredes cilíndricas.
Os piratas começaram a sair pelas fendas que os comunicavam com o mundo exterior.
Conan voltou-se novamente e se apoiou sobre borda da chaminé, justamente ao lado da entrada do túnel. Ali, esperou os passos ressoarem com mais força.
Um dos soldados da guarda imperial irrompeu do túnel. A espada de Conan voltou a cintilar e se cravou nas costas do homem, atravessando-lhe a malha, a carne e a espinha dorsal. O soldado gritou e caiu de cabeça da saliência rochosa. O impulso o levou além da escada em espiral, foi dar no buraco do qual saía a chama e caiu sobre ele como uma rolha na boca de uma garrafa. A chama logo se extinguiu, deixando o recinto na penumbra, iluminado apenas pela luz da abertura que encontrava-se no alto.
Conan continuou observando a saída do túnel para surpreender o próximo inimigo que entrasse. O guarda que chegou a seguir foi muito mais cauteloso: observou primeiro e deu um pulo para trás, no momento em que Conan tentou acertar-lhe um terrível golpe com a espada. Logo ouviram-se algumas vozes e, diante do rosto do cimério, assobiou uma flecha, que se quebrou na parede rochosa da frente.
Conan se voltou e iniciou uma rápida descida, saltando os degraus de três em três. Ao chegar ao fundo, viu Ivanos, que conduzia os últimos piratas até a fenda que havia no outro lado do vão, a uns dez passos de distância. À esquerda dessa fenda, e a uma altura de uns oito metros do chão, encontrava-se a boca do túnel, pela qual começaram a sair soldados turanianos, que desceram precipitadamente pela escada em espiral. Dois deles lançaram suas flechas contra o cimério, mas devido à rapidez da corrida deste e à escassa luz que havia no recinto, erraram o alvo.
No momento em que Conan deixava a escada para trás, outro grupo de indivíduos apareceu em cena. Com um rangido que fez estremecer até os mais valentes, as lajes de pedra que cobriam os nichos abriram-se para dentro, primeiro lentamente e logo às dúzias. Então, os seres que habitavam aquelas tumbas saíram destas como um enxame de larvas sai de suas pequenas celas. O cimério tinha dado apenas três passos para a saída, quando viu seu caminho bloqueado por aquelas crias.
Seu aspecto era vagamente humano, mas estavam muito pálidos e não tinham pêlo; eram magros e delgados, como se estivessem submetidos a um longo jejum. Tanto os dedos de

suas mãos quanto os de seus pés terminavam em enormes garras afiadas. Seus grandes olhos miravam fixamente e seus rostos mais pareciam os de um morcego que os de um ser humano, já que tinham orelhas enormes, pequenos narizes aplainados e bocas largas, que deixavam entrever dentes pontiagudos.
Os primeiros a chegarem ao solo foram os que saíram dos nichos inferiores. Mas, as alas de cima também estavam se abrindo, e os monstros desciam às centenas das paredes ásperas, apoiando-se nas garras afiadas. As criaturas observavam os últimos piratas que se dispunham a abandonar o poço. Enquanto emitiam um grito intermitente, se arremessaram com as garras estendidas sobre aqueles homens.
O cabelo de Conan arrepiou-se, pelo medo que os bárbaros sentem diante da ameaça do sobrenatural. Se deu conta que aqueles seres eram os temíveis brilukas da lenda zaporoskana - criaturas que não eram homens, nem animais, nem demônios, mas um pouco de cada. Suas inteligências quase humanas serviam-lhes para satisfazer sua necessidade bestial de sangue, enquanto seus poderes sobrenaturais lhes permitiam sobreviver encerrados em suas tumbas durante séculos e séculos. Estes seres das trevas haviam sido imobilizados pela chama. Quando esta se extinguiu, surgiram ferozes como sempre e com uma infinita avidez de sangue.
Os que alcançaram o solo perto de Conan, atiraram-se sobre ele, com as garras estendidas. O cimério lançou um rugido inarticulado e traçou grandes círculos a seu redor, com a espada, para evitar que se aproximassem de suas costas. A lâmina demonstrou que aqueles seres tinham essência material, já que a um deles cortou a cabeça, a outro um braço e até cortou um dos brilukas pela metade. Apesar de tudo, amontoaram-se agitados, enquanto, da escada em espiral, se elevavam os gritos dos primeiros turanianos, à medida que os brilukas saltavam sobre eles, do alto, ou trepavam, vindos de baixo, para cravarem-lhes as garras e as presas na carne.
A escada ficou coberta de corpos que se retorciam e lutavam, enquanto os turanianos repeliam o ataque. Um grupo, composto por um soldado e vários brilukas agarrados a ele, rolou pelas escadas e foi parar no chão. A entrada da habitação estava abarrotada de brilukas que tentavam perseguir os homens de Conan. Poucos segundos antes que pudessem dominá-lo também, Conan, percebendo que de nada lhe valeria aquela saída para o exterior, gritou e pôs-se a correr, mas não fez o que os brilukas esperavam que fizesse. Deu voltas em zigue-zague para esquivar-se dos monstros e brandiu a espada como um redemoinho fulgurante na penumbra, até chegar à parede situada exatamente abaixo da plataforma, que formava a parte superior da escada. Às suas costas, ficou um rastro de corpos que retorciam-se desesperadamente. As afiadas garras que se estenderam para ele, durante a corrida, escorregaram em sua cota-de-malha, mas retalharam suas roupas de pano, produzindo-lhe alguns ferimentos nos braços e pernas.
Quando chegou à parede, Conan deixou cair o escudo a um lado, colocou a espada entre os dentes e, dando um grande salto no ar, agarrou-se à borda inferior de um dos nichos da terceira fileira, do qual já havia saído seu terrível morador. Com a agilidade de um macaco, o montanhês da Ciméria subiu pela parede utilizando as aberturas dos nichos como apoio para sua escalada. Em certo momento, quando seu rosto ficou diante de uma das aberturas, um espantoso rosto de morcego fitou-o com olhos reluzentes. O briluka começava a sair de sua morada secular, mas o punho de Conan espatifou-se contra o sorridente rosto, com um estalo de ossos partidos. Logo, sem parar para observar os estragos que causara, o cimério continuou subindo.
Debaixo dele, outros brilukas treparam pela parede, perseguindo-o. Pouco depois, Conan se encontrava finalmente na plataforma superior. Os soldados que chegaram por último, ao verem o que ocorria na habitação, deram meia-volta e saíram correndo através do túnel. Uns poucos brilukas já se encontravam no acesso da passagem para perseguir os soldados, quando Conan chegou à plataforma.
Voltaram-se contra o cimério, mas este caiu sobre eles como um redemoinho. Os corpos mutilados cobriam a plataforma, à medida que a espada do bárbaro atravessava a carne branca e infra-humana. Por um instante, a plataforma ficou livre de monstros, e Conan pôs-se a correr pelo interior do túnel com todas as suas forças.
Diante dele, corriam alguns vampiros que perseguiam os guardas imperiais. Conan atacou os brilukas por trás, abateu um após outro com sua espada, até que ficaram todos retorcendo-se entre seu viscoso sangue esbranquiçado sobre o solo rochoso. O cimério continuou correndo, até chegar à extremidade do túnel, onde o último dos soldados acabava de transpor a cascata.
Um olhar para trás indicou a Conan que outro enxame de brilukas avançava até ele com as garras estendidas. O cimério cruzou a cortina de água, ao mesmo tempo, e se encontrou

olhando para baixo, em direção ao cenário da recente batalha contra os turanianos. O general e o resto de sua escolta se encontravam embaixo, gritando e gesticulando à medida que viam aparecer, através da cascata, os horrorizados soldados. Quando Conan apareceu atrás do último destes, o general gritou:

- É um dos piratas! Disparem as flechas!

Conan já se encontrava à metade do caminho pelo declive. Os que estavam diante dele, e que acabavam de alcançar o solo do desfiladeiro, voltaram-se para olhá-lo. Conan avançou, dando passadas tão enormes que os arqueiros, ao calcularem mal sua velocidade, enviaram uma chuva de flechas que se espatifaram contra as rochas que haviam atrás dele. Antes que pudessem preparar o segundo ataque, Conan chegou à fenda que havia nos penhascos e abrigou-se em seu interior, o que, por um momento, o protegeu das flechas dos turanianos que se encontravam perto do general. Apoiou-se, então, nos buracos que haviam na parede rochosa e subiu feito um macaco. Quando os turanianos puderam reagir e se aproximaram das fendas de onde podiam vê-lo e disparar sobre ele, Conan já se encontrava a uns quinze passos de altura, e continuava subindo com rapidez.

As flechas voltaram a assobiar a seu redor e se estatelaram na rocha. Um par delas alcançou seu corpo, mas a cota-de-malha e a distância à qual se encontrava impediram que chegasse a ser ferido. Um dardo alcançou-lhe uma parte do braço que estava descoberto, mas a ponta afiada só lhe atravessou superficialmente a pele.

Ao mesmo tempo em que proferia uma blasfêmia atroz, Conan arrancou a flecha e continuou sua escalada. O sangue do ferimento lhe ensopava o braço e lhe jorrava por todo o corpo. Na seguinte descarga de dardos, o cimério estava a tal altura que as flechas já não tinham força quando chegaram até ele. Uma alcançou-lhe uma bota, mas não conseguiu atravessar o couro.

À medida que ia ascendendo, os turanianos ficavam cada vez menores lá embaixo. Quando viram que as flechas já não o alcançavam, os soldados deixaram de disparar. O cimério pôde ouvir a discussão que se iniciou entre os homens. O general queria que seus homens escalassem em perseguição a Conan, mas os soldados protestaram, dizendo que seria inútil, pois o pirata se limitaria a esperá-los na parte superior da escarpa e lhes cortaria a cabeça à medida que fossem aparecendo. Conan sorriu com ar taciturno.

Então, chegou à parte superior do penhasco. Sentou-se ofegante na beirada, com os pés pendurados no ar, e começou a enfaixar os ferimentos com pedaços de suas vestes rasgadas. Logo lançou um olhar a seu redor, e ao olhar por cima da parede rochosa até o vale do rio Akrim, viu uns hirkanianos enfeitados com pele de cordeiro que galopavam a cavalo, perseguidos por cavaleiros de brilhante malha de aço. Estes últimos eram soldados turanianos. Abaixo de Conan, os turanianos e os zaporoskanos se moviam como formigas, e finalmente encaminharam-se pela garganta do desfiladeiro em direção ao castelo, deixando uns poucos soldados para vigiar, no caso do bárbaro descer por ali.

Pouco depois, Conan pôs-se de pé, estirou seus músculos e voltou-se para olhar ao leste, em direção ao Mar Vilayet. Seus olhos agudos avistaram um barco e, cobrindo a testa com a mão estirada, comprovou que se tratava de uma galera do exército turaniano, que se afastava da baía na qual Artabán havia deixado seu barco.

- Por Crom! - exclamou - Quer dizer que os covardes subiram a bordo e partiram sem esperar...!

Esmurrou a palma da própria mão e grunhiu como um urso irritado. Logo se acalmou e pôs-se a rir. Era de se esperar. De qualquer forma, estava cansado das terras hirkanianas, e ainda havia muitos países no oeste que não conhecia.

Conan dispôs-se a buscar o abrupto caminho que levava para baixo e que o desaparecido Vinashko lhe havia ensinado.